

A Docência Universitária e o início de carreira: narrativas de professores de Biologia

Talamira Taita Rodrigues Brito¹
Ana Maria de Oliveira Cunha²

Resumo: Trata-se de reflexões a partir de resultados de pesquisas sobre o ingresso de professores de biologia na docência universitária, tendo como referência as narrativas de três profissionais. Com base nos estudos (auto) biográficos, tivemos por objetivo apresentar a realidade de início da carreira, os desafios propostos e o encontro com as formas de lidar com o novo. Afinal, para a docência universitária não há uma formação específica que garanta experiência a priori com o universo acadêmico. Dos relatos, depreendemos que a relação com o início da carreira será singular e de acordo com um tempo histórico, a formação para a docência se dará a partir das experiências diárias, não fora experienciado um momento de formação oferecida pela instituição para tal finalidade naquele momento de pesquisa, há encontros felizes com a fazer-se professor, mas também há desafios propostos no processo formativo de tais profissionais que merecem atenção por parte das políticas públicas institucionais.

Palavra- chave: Docência Universitária, Professor de Biologia, Formação e Início de Carreira.

1 Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb). taitadoc@gmail.com

2 Professora da Universidade Federal da Uberlândia (UFU). cunhaamo@gmail.com

Introdução

Este texto é derivação de um estudo de tese defendida em 2011 sobre ciclo de vida profissional de professores universitários e seus desdobramentos em pesquisas outras desenvolvidas no decorrer dos anos subsequentes sobre vida, trabalho, formação de professores universitários, tendo como foco as áreas das ciências e biologia³. O objetivo do texto é apresentar algumas reflexões sobre a realidade de início da carreira, os desafios propostos e o encontro com formas de lidar com o novo a partir da realidade vivida por tais professores.

A carreira docente na universidade pública é singular, se considerarmos outras profissões, por duas razões em especial: a) podemos iniciá-la a qualquer tempo de nossa experiência de vida adulta; b) não precisamos de uma “licenciatura” para exercê-la. O concurso público é a via de acesso, após da lei da Reforma Universitária de 1964, onde uma prova escrita, uma avaliação de títulos e uma aula pública, de acordo com a formação exigida é o suficiente para concorrer e ingressar no magistério superior público. Dessa forma, fazer-se professor na universidade é um devir constante para muitos de nós. Os desafios da sala de aula, da pesquisa, da extensão e da administração são tangenciados todos os dias, para muitos, como fonte de prazer, para outros como questionamentos sobre o seu próprio destino dentro da instituição. Muitos se identificam com a docência, entendendo-a aqui como um conjunto de atividades e reflexões sobre ser professor, construção de identidade com o ato pedagógico do ensinar-aprender e entendimento de adesão a um grupo de profissionais que se destacam do coletivo de outras profissões. Já outros, têm suas preferências destinadas às atividades de pesquisa, considerando que se fosse possível fazer escolhas, não seria pela sala de aula⁴.

Tivemos como referência teórico-metodológica a (auto)biografia situada nos estudos de Josso (2002; 2004) que nos propõe uma relação com o objeto a partir de uma pesquisa-formação. A interpretação dos relatos parte de um olhar compreensivo sobre a vida das pessoas que numa relação dinâmica entre pesquisador e pesquisado propõe que numa caminha para o

3 Pesquisa sobre vida e trabalho de professores do Departamento de Biologia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) realizada entre os anos de 2014 e 2016. Financiamento Interno-Uesb.

4 Em pesquisas realizadas nos anos de 2011 e 2015 com grupo de professores do Curso de Biologia em várias narrativas isso se fez presente. Ver Brito (2006); Brito (2011).

outro, também estejamos caminhando para nossa própria história formativa e de trabalho.

Apresentamos abaixo relatos de experiências de professores de biologia sobre o início de sua carreira em um Instituto de Biologia investigado, que nos fazem refletir sobre este universo de formação, profissionalização e realização que muitas vezes são invisibilizados no dia a dia de fazer universidade e docência.

O texto que segue estará dividido em duas partes complementares: alguns argumentos teóricos sobre as condições para ingresso na carreira universitárias em diálogo com algumas narrativas sobre esse caminhar e algumas conclusões.

Sobre a docência universitária construída à luz de algumas políticas públicas no Brasil e reflexos para quem inicia a carreira

Partimos do princípio de que para a efetivação e organização de um quadro docente para atuação na vida universitária brasileira pouco se pensou no profissional e nos saberes que estes deveriam apresentar para se compor como grupo de trabalhadores, de profissionais que deveriam deter uma formação mais voltada para o ensino, a pesquisa, extensão, administração e todos os seus desdobramentos pedagógicos, políticos e de saberes outros inerentes à docência universitária.

Isso se nota na passagem das cátedras na história da formação e carreira docente, uma vez que como coloca Teixeira (1999, p. 279):

A lei, o governo e a opinião pública davam a esse professor uma posição de extremo prestígio, para o que lhe concediam honras e privilégios especiais. A remuneração era pouco mais que simbólica, mas isto visava, sobretudo, caracterizar a função como mais de honras do que de proveitos.

Embora o professor catedrático necessitasse passar por um concurso público e competitivo, a forma como este era percebido no universo de um pensar sobre universidade denunciava que o mais importante não era em si o processo formativo e ou a carreira, e sim a simbologia social que esta função naquele momento promovia que se desvinculava de um olhar profissional, de uma formação, de uma categoria, de uma classe funcional e se recobria por uma vaidade e um prestígio social.

Essa realidade só começa a mudar, segundo Cunha. L. (2003, p. 184), com o advento das pós-graduações no Brasil, por volta dos anos 60, assim ele analisa que:

A pós-graduação esteve associada, nas suas origens, ao propósito de formação de pesquisadores que, desde o início, eram empregados como docentes dos cursos superiores. Na situação existente no país, isso implicava a extinção ou a minimização do regime de cátedras, inclusive o fim do poder dos catedráticos de escolherem os seus auxiliares e assistentes.

Dessa maneira é possível refletir que a constituição do espaço do professor universitário como um grupo engajado com um propósito acadêmico, com uma ideia de profissão, de especificidades oriundas de sua condição de produtor de ciência para o país acontece de forma lenta e de acordo com as prioridades daquele momento⁵.

Ainda sim, podemos afirmar com isso, que os primeiros incentivos de pós-graduação foram propulsores da organização da carreira, das classes docentes, organização do espaço e exercício docente, como também do tipo de exigência para galgar na carreira acadêmica.

Como uma das consequências teve-se a constituição de certa hierarquia na organização da carreira docente de acordo com seu grau de formação. Aqui no Brasil a condição básica para a assunção do cargo de professor do ensino superior em uma universidade pública é a formação inicial: a graduação em alguma área do saber é o necessário para prestar concurso público de provas e títulos para o cargo de Professor Auxiliar⁶. Soma-se a isso um

5 Importante lembrar que o concurso público para o cargo de professor universitário se consolida na medida em que as universidades são federalizadas, dessa maneira muitos professores ingressaram na carreira acadêmica no momento que eles eram apenas prestadores de serviço de faculdades isoladas e/ou privadas. Exemplo disso é a própria Universidade Federal de Uberlândia (UFU) que, antes de ser federalizada, já possuía um quadro de professores oriundos das faculdades particulares e Autarquias Estaduais. Ver Caetano & Dib (1988).

6 Isso acontece em todo o território brasileiro. Cada região em um grau maior ou menor (de acordo com o corpo formado para determinada área) estabelece em seus editais de concurso a chamada para cargo de Professor Auxiliar. Atualmente o *Lato Sensu* tem aparecido como complementação dessa exigência.

*curriculum vitae*⁷ de produções técnicas e específicas da área de conhecimento, e uma aula pública didática (sem muitas vezes a pessoa ter noção de como essa é realizada) para avaliação do candidato no que diz respeito ao domínio dele junto a um dado conteúdo e relação com a literatura básica da área. Para a categoria de Assistente, o mestrado é a exigência mínima; já para concorrer à categoria de Adjunto ou Titular, o doutorado se faz necessário. Os mesmos movimentos avaliativos para o preenchimento da vaga de Professor Auxiliar também é exigido para as classes citadas.

Como afirma Cunha (2003, p. 187):

A categoria de professor auxiliar está idealmente destinada, então, aos simplesmente graduados; a de professor assistente, aos mestres, e a de professor adjunto, aos doutores. [...] É importante mencionar que o ingresso na carreira docente só pode ser feito mediante concurso público em qualquer que seja a categoria. Assim, uma universidade pode abrir concurso para professor auxiliar, para o qual o requisito acadêmico é a conclusão do curso de graduação na área de conhecimento do concurso; a conclusão do mestrado (ou do doutorado) para professor assistente; e doutorado, para professor adjunto⁸. No caso de professor titular, também é necessário o grau de doutor, mas presume-se que as provas sejam mais rigorosas, havendo universidades que exigem a defesa de tese original.

Na história da carreira nas universidades públicas de uma maneira geral, três gerações de carreira podem ser apontadas: uma carreira baseada no tempo de serviço e produção dentro da universidade; a outra baseada na formação em serviço para mestrado e doutorado, para compor quadros mínimos de qualidade para a pesquisa; e, por último, uma carreira que tem na produtividade a sua condição, o candidato a vaga precisa ter o título de doutor (na maioria dos casos).

7 Hoje no Brasil existe a Plataforma Lattes, que tem um *curriculum* disponível virtualmente para que todos os professores credenciados em alguma universidade ou faculdade apresentem sua vida acadêmica: formação; vínculo empregatício; produção científica, grupo de pesquisa ao qual está vinculado e etc.

8 Aqui acrescentamos o cargo de Professor Associado, uma classe intermediária criada entre o Professor Adjunto e Professor Titular depois de árduo processo de discussão sobre carreira nas Universidades Federais. (Decreto 295/06)

Cada uma delas obedece a uma tendência histórica de percepção de desenvolvimento de universidade e conhecimento. Aqui, os depoimentos evidenciam essa história no dia a dia da constituição do grupo de professores tanto do Instituto de Biologia Investigado quanto do Departamento de Biologia. Para isso os depoimentos estão apresentados na relação tempo de serviço/professor.

Na realidade o início (na década de 70) foi bastante complicado, porque a gente sabia, tinha perfeita noção do quanto tinha sido frágil o nosso curso (de formação inicial). Que era um curso que realmente... não posso falar mal do curso, uma vez que depois dele eu consegui sair para fazer mestrado e tal e coisa... Fiz seleção na USP para mestrado e consegui passar... Ingressar na pós-graduação da USP. Mas, realmente era um curso que se a gente comparar com o curso de hoje, era um curso extremamente fraco. Mas, como diz o outro, quem quer consegue! Eu iniciei como professora contratada e depois fui efetivada, no início da década de 80 [...]". (Prof. 1)

O caso desta profa.1 obedece a um momento da história da universidade brasileira, que era raridade ter o mestrado como referência. Na época, como posto pela própria professora, não se fazia concurso, era um contrato de prestação de serviços e com alguns anos dedicados ao serviço público o docente ganhava "*estabilidade*" na função, ou seja, passava a fazer parte do quadro efetivo de funcionários do governo.

Já o professor Prof. 2 inicia sua vida como docente através de um concurso público de provas e títulos, como ele mesmo conta:

Eu cheguei numa fase de transição na Universidade, porque até 85, 86, quando muito 87, a carreira docente na universidade não exigia uma formação de pós-graduação. Os primeiros professores entraram muitos a convite, muitos sem concurso público inclusive. Eu acho que nós devemos muito a essas pessoas, que criaram a Universidade. Hoje a UFU é reconhecida como uma das melhores instituições de Ensino Superior do país. E é o MEC quem diz isso. Não somos nós. Então nós devemos muito a essa geração que deu o pontapé inicial. O que possibilitou esse crescimento, essa evolução ao longo de praticamente 40 anos, que é a idade que a Universidade tem. Mas, não se exigia titulação. A partir de 87 passou-se a exigir titulação. E dentro do antigo Departamento de Biociências ainda eram poucos os professores que eram

mestres, nem falando de doutores. [...] Prestei o concurso na segunda-feira e na quarta eu tive a certeza de que eu tinha passado no concurso. Então, eu esperei o resultado oficial e foi só festejar. Foi assim que se deu a minha vinda para a Universidade. Quando eu cheguei aqui, cheguei a uma instituição que metade do corpo docente não era titulada, a outra metade tinha titulação. [...] A minha inserção veio em um momento de forte transição e numa transição que a Universidade como um todo ofereceu condições para capacitação de seus docentes. Foi o grande *boom* de capacitação da Universidade, quem não tinha mestrado foi fazer e quem já tinha foi fazer doutorado. Tanto assim que eu fiquei só dois anos como mestre aqui durante o estágio probatório. Uma vez efetivado eu já recebi a autorização para fazer o doutorado. Eu e outros tantos, o professor Kleber Del Claro, professor José Fernando, a professora Maria de Fátima da minha área, Zoologia.

O depoimento desse professor, só reforça a fala da Profa. 1 quanto à forma de acesso e permanência na instituição, bem como corrobora com as reflexões feitas anteriormente sobre a constituição da carreira nas universidades brasileiras. O momento de transição na UFU, de uma universidade de ensino para uma universidade de ensino e pesquisa, é um desdobramento também da forma de conceber o professor que entra na universidade, seu papel e sua condição de produção. A titulação passa a fazer parte de uma nova concepção de carreira universitária.

Se o Prof. 2 entrou no auge de grandes transformações do perfil da universidade,

Prof. 3 Alves entra em um momento *a posteriori* no qual ele fala que:

"[...] em certo sentido foi bom, porque tinha muita gente nova entrando, tinha curso de bacharelado relativamente novo que estava sendo implantado, graduação e tudo. Quando eu cheguei tinha acabado a Licenciatura Curta, mas tinha Licenciatura Plena. [...] Então bacharelado e essa parte de pesquisa estavam começando aqui na UFU, naquele tempo... (No início da década de noventa). Então, a gente veio. Vários professores que entraram nessa época tinham essa mentalidade, alguns que já estavam aqui, professores que já tinham uma mentalidade mais de pesquisa - relacionados com a pesquisa estavam aqui. E a gente começou a fazer o trabalho no bacharelado, e na licenciatura também. Mas como eu falei a minha formação é bacharel, então eu confesso que apesar da experiência que eu tinha de dar aula no Ensino Médio, e de dar aula

na graduação, foi um tremendo desafio no sentido de que você nunca sabe muito bem como aquilo tá funcionando etc. e tal. Alguns colegas mais antigos davam algumas dicas, davam algumas sugestões, dividia disciplina, então... Algumas coisas a gente ia vendo como era feito, mas no final das contas, muito do que a gente vai aplicando é aquilo que você aprendeu vendo na universidade, então, muitas das coisas que eu comecei a aplicar foram coisas que eu tinha visto na Universidade. Eu não tive... É engraçado isso, porque no ano passado eu tive na Grã-Bretanha, no laboratório, e eu estava perguntando pro professor se tinha pouco tempo que ele tinha ido para lá e eu meio que falei das experiências minhas e perguntei como é que era o processo lá, ele falou "não, aqui o processo de seleção é estritamente em termo de alta produção científica e da capacidade de produzir cientificamente. Então quando a gente é selecionado a gente fica um período de um ano ou uma coisa assim em treinamento, então eles dão um "treinamento" para Ensino Superior, para didática de Ensino Superior, depois que você é contratado na universidade, sabe. Esse tipo de coisa também acontecia no Brasil [...]"

Essa discussão que o professor apresenta é bastante densa. Nesse trecho sobre sua carreira ele pontua vários eixos que geram muita discussão: a falta de formação para trabalhar em sala de aula, a falsa carreira acadêmica que está posta pela universidade, a falta de cuidado com o professor que chega, a falta de uma formação continuada dentro da instituição para as questões voltadas para o ser professor.

Sobre a formação para a sala de aula, que aqui eu amplio para a docência na universidade, nos últimos vinte anos vários autores têm se debruçado sobre essa temática, dentre eles podemos apontar: Melo (2018); Cunha, M. (2005); Zabalsa (2004); Isaia (2001); Pimenta e Anastasiou (2002); Morosini (2001); Masseto (2000); Franco (2001); Leite (1997), dentre os temas apreciados por tais autores temos: os saberes produzidos pelos docentes no dia a dia de fazer docente, os processos identitários gerados no cotidiano universitário; a relação professor e aluno na sala de aula; métodos e inovações no ensino; a precarização do trabalho docente; as políticas públicas para a formação de mestres e doutores; o mal estar docente; o desenvolvimento profissional e o ciclo de vida profissional de professores universitários. Isso se deve, justamente ao fato de relatos dessa natureza passarem a fazer parte cada vez mais do cotidiano de quem assume tal docência e reflete sobre ela.

Sob nosso ponto de vista, percebo que por muito tempo o professor universitário permaneceu num lugar resguardado de comentários a seu respeito como sujeito, como categoria profissional, como um ator que contracenava diariamente com problemas, com (in)sucessos de sua prática pedagógica, com a responsabilidade da formação de vários outros sujeitos e com as demandas naturais de sua própria condição humana e profissional. Isso se deveu talvez aos reflexos sofridos do lugar ocupado pela universidade no espaço social e histórico como lócus de um saber incontestável e com personagens de saberes absolutos – o professor.

Corroborando com essa afirmação, Zabalsa (2004) diz que esse “esquecimento” se deve também por uma simples razão: a de caber historicamente a este professor pensar sobre sua própria formação.

O autor ainda nos aponta que

parece evidente que a formação dos professores universitários, no sentido de qualificação científica e pedagógica, é um dos fatores básicos da qualidade da universidade. Essa convicção é mais evidente na doutrina do que nas políticas públicas ativas das instituições; porém, o fato de subsistirem incongruências ou de não poder falar ainda sobre convicções generalizadas em termo de necessidade de formação (desse tipo de formação) não deve diminuir a intensidade de sua exigência. (ZABALSA, 2004, p. 145)

Sendo assim, o autor ainda esclarece que dentre os três fatores que cercam as questões sobre a formação de tais professores, sejam eles: *a ideia de profissionalização docente; as novas proposições em torno da formação contínua* e a *constante pressão em torno da qualidade dos serviços que as instituições oferecem principalmente as instituições públicas*, esse último fator é a razão que de fato vem mobilizando as universidades para questionar sobre a formação deste sujeito.

Algumas conclusões

A docência universitária como campo de estudo e pesquisa carece de maiores investimentos institucionais – pesquisar a si própria. Por muito tempo coube ao professor pensar de forma solitária sobre sua própria formação. O isolamento em suas disciplinas ou áreas de pesquisa não favorece à reflexão sobre si e suas questões sobre a docência. Percebe-se que iniciar a carreira na universidade é uma caminhada muitas vezes solitária nas instituições. O amparo de colegas, aceitar os desafios propostos e ainda

construir uma relação de responsabilidade com os estudantes são aspectos marcantes desse grupo de professores narrados. A formação em bacharel e/ou licenciatura não é uma garantia de um bom começo na carreira.

É necessário que as instituições reflitam aspectos dessa natureza que estão diretamente ligadas ao sucesso de outros sujeitos, como o estudante, para além do próprio professor. Há encontros felizes com a fazer-se professor, mas também há desafios propostos no processo formativo de tais profissionais que merecem atenção. Há de se fazer investimentos em pesquisas e formação em serviço visando acompanhar, entender e propor meios de ajudar na constituição identitária.

Agradecimentos

Universidade Federal de Uberlândia – UFU
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB

Referências

RODRIGUES, M. V. **Qualidade de vida no trabalho**. 1989. 180 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1989.

BRITO, T. T. R. **A docência no Instituto de Biologia da Universidade Federal de Uberlândia: percorrendo caminhos e encontrando representações**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.

BRITO, T.T.R. **O ciclo de vida profissional dos professores de biologia da universidade federal de Uberlândia: trajetórias, carreira e trabalho**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

CAETANO, C. G.; DIB, M. M. C. **A UFU no imaginário social**. Uberlândia: EDUFU, 1988. 556p.

CUNHA, L. Ensino superior no Brasil. In: LOPES, E. M. T.; FARIA FILHO, L. M.; VEIGA, C. G. (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 151-204 (Coleção Historial, 6).

CUNHA, M. I. da (Org.) **Formatos avaliativos e concepção de docência.** Campinas: Autores Associados, 2005. 232 p. (Coleção Educação Contemporânea).

FRANCO, M. E. D. P. Comunidade de Conhecimento, pesquisa e formação do professor do ensino superior. In.: **Professor do ensino superior: identidade, docência e formação.** Org. Marília Costa Morosini. 2ª Ed. Ampl. Brasília: Plano Editora, 2001.

ISAIA, S. M. de A. Professor universitário no contexto de suas trajetórias como pessoa e profissional. In MOROSINI, M. C. **Professor do ensino superior: identidade, docência e formação.** (Org.). ed. amp. Brasília: Plano, 2001. p. 35-60.

JOSSO, M. C. **Experiência de vida e formação.** Lisboa: Educa Formação, 2002.

JOSSO, M. C. **Experiências de Vida e Formação.** São Paulo: Cortez, 2004.

LEITE, D. Aprendizagens do estudante universitário. In: LEITE, D. B. C.; MOROSINI, M. (Org.). **Universidade futurante: produção do ensino e inovação.** Campinas: Papyrus, 1997. p. 147-168.

MASETTO, M. T. (Org.). **Docência na universidade.** 2. ed. Campinas: Papyrus, 2000. 93 p. (Coleção Práxis).

MELO, G. F. **Pedagogia Universitária: aprender a profissão, profissionalizar a Docência.** Curitiba: Editora CRV, 2018.

MOROSINI, M. C. **Professor do ensino superior: identidade, docência e formação.** 2. ed. amp. Brasília: Plano, 2001.

PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. G. C. **Docência no ensino superior.** São Paulo: Cortez, 2002. (Coleção Docência em Formação).

TEIXEIRA, A. **Educação no Brasil.** 3. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999. 467 p.

ZABALZA, M. A. **O ensino universitário: seu cenário e seus protagonistas.** Tradução de Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2004. 239 p.